

A VIDA PORTUGUESA

Boletim de inquérito
à vida nacional.

Director—JAIME CORTESÃO

Propriedade da
RENASCENÇA PORTUGUESA

Secretário da redacção e administrador: ÁLVARO PINTO — Editor: Costa Júnior

Redacção e adm.ªo, R. Sá da Bandeira, 363-2.º — Tip. Costa Carregal, tr. P. Manuel. — Assinatura, 10 n.ºs 200 réis. (Brasil — 1\$000 rs. fr.)

Camilo nos Jerónimos

Ontem, numa lição da Universidade Popular sobre a Vida e Obra de Camilo Castelo Branco, eu disse estas palavras, que agora repito em nome da *Renascença Portuguesa*, com o entranhado desejo de que todos os meus compatriotas as escutem, tamanha é a necessidade de justiça, que as anima:

Ha quasi um quarto de século, morreu um homem — Camilo, — possuindo tão fundamente o sentido religioso da Beleza lusitana, que as suas criações são absolutos de espírito, divindades gentílicas, encarnando as virtudes duma Raça.

E tanto esse homem viveu os nossos defeitos e virtudes, em vida de tanta Desgraça, que, por suas mãos, lacerou o proprio peito para nos dar o seu coração, em tão íntima realidade, tão vivo e irmão do nosso, que é o coração de Portugal.

Foi ha um quarto de século... e ainda a sua Pátria não soube unir-se para uma grande consagração!...

Nos Jerónimos, o monumento que celebra o acto mais belo e generoso da nossa História; nos Jerónimos, onde repousam Herculano, Garret e João de Deus; — e por isso mesmo, — ha um grande lugar para Camilo.

Calem-se, emfim, as más paixões, que à sua volta se urdiram; cale-se tambem, por um momento, a voz das nossas discórdias, e vamos, todos, de cabeça descoberta, unidos e igualados numa hora de pureza e assombro, trasladar os restos de Camilo para o Panteon nacional!

Porto, 13 de Novembro de 1913.

JAIME CORTESÃO.

O PARASITISMO PENINSULAR

Carta a Jaime Cortesão

Meu querido amigo:

Chegou hoje ao Rio o seu artigo sobre os meus «despautérios». E' mais uma prova brilhante do seu cavalheirismo, do seu talento, do seu patriotismo, e para mim uma ocasião de dar da minha tese um resumozinho mais claro, mais científico na forma, mais esquelético, mais didático, e mais, por assim

dizer, de compendio. A linguagem espontânea é concreta; a linguagem da sciencia deve ser incolor e descarnada. Tendo eu falado de quando em quando por imagens, a sua fantasia de poeta deixou-se impressionar pela imagem, mais que pela coisa significada. Não me convenceu a sua carta da fraquêza da minha tese, mas da obscuridade do meu estilo. O de que preciso é aprender

a escrever que se intenda! Procurarei hoje ser breve, nítido, quasi esquemático, como convêm às doutrinas que se apoiam sobre os factos.

Esclarecimentos sobre o Parasitismo peninsular

§ 1.º Dos caracteres de cada individuo ou classe (material ou psicologicamente considerados) uma parte é devida às condições da sua geração; chamemos-lhe *hereditariedade*; outra parte às condições da sua experiencia integral: chamemos-lhe *educação*, na sua significação mais larga.

Esta parte da educação, ou das condições historicas do desenvolvimento — das condições de vida — é muito mais importante do que muitas pessoas imaginam. Diz Ratzel na sua *Antropogeografia* (2.º volume da tradução francesa, 1891, p. 590) que «em muitos casos em que se fala de *raça* se deveria falar de *classe*. Em quasi todos os povos differenças somaticas acompanham a distincção das classes. Segundo Edmond Desmolin, em *Comment la route crée le type social*, a *raça* é largamente um produto economico. Por outro lado, é sabido em todos os laboratorios de psicologia experimental que são muito maiores as differenças psicologicas entre as crianças de duas classes sociais da mesma nação e da mesma cidade, que entre as crianças da mesma classe social de duas nações muito diversas (V. entre mil outros livros por exemplo Rudolf Schuze, *Aus der Werkstatt der experimentellen Psychologie und Paedagogik*, Cap. 2.º § 3.º).

Daqui se conclue que não é «despauterio» procurar as causas de certas caracteristicas de um agrupamento humano nas condições de vida em que o desenvolvimento historico o colocou.

Nota: As minhas citações não tem por fim estarrecer o auditorio, mas aligeirar esta carta, dispensando-me de demonstrar todas as bases em que me fundo. Aliás nem cem artigos me chegariam, e os

leitores mais «estapafúrdio» me achariam agora do que nos *Golpes de malho em ferro frio*. Não poderia sempre dar a edição e a pagina precisa, porque, longe dos meus livros, me socorro de apontamentos.

Fechado pois este parentesis, apliquemos tais ideas (que não são fantasias minhas mas conclusões da sciencia moderna) ao caso dos povos peninsulares.

§ 2.º Em certo momento da evolução do Imperio Godo deu-se a invasão arabe. Quaisquer que fossem as nativas qualidades do godo, «do puro sangue godo a pulsar nas arterias,» (*hereditariedade*, § 1.º) como diz o meu amigo, é certo que as condições de vida dos cristãos da Peninsula (*educação* § 1.º) passaram a ser bem diversas das da restante Europa, que não teve de reconquistar ao Arabe, dia a dia e durante oito seculos, (Roberston na *Historia de Carlos V* refere-se ás 3700 batalhas da Reconquista, segundo os historiadores espanhoes) o seu proprio territorio. Dahi resultou que emquanto alem Pireneus se foi desenvolvendo cada vez mais o burguesismo industrial (V. Thierry, *Histoire do Tiers État*) em prejuizo do espirito militar e dos seus representantes (a Europa feudal em que fala),—na Peninsula, pelo contrario, durante seculos a população cristã foi recebendo uma educação eminentemente guerreira, constantemente guerreira, deixando a função produtora e capitalizante ao infiel (mouro e judeu).

As investigações de Thierry e de Monteil sobre a accessão do terceiro Estado assinalam claramente a constante accumulção da riqueza burguesa sob o imperio do feudalismo, e d'ahi o crescente contraste entre a força economica da burguesia e a sua impotencia politica, —contraste que veio a dar a revolta burguesa e a redenção das comunas do jugo da aristocracia. Este fenomeno não se consumou na Peninsula; o cristão peninsular militarizou-se constantemente, enquanto os restantes europeus se aburguesavam. Em resumo; o arabe, forçando o espanhol a uma larguissima e permanente Reconquista, determinou-lhe uma *educação* essencialmente conquistadora, depredadora, saqueadora. Para empregar uma comparação muito imperfeita, a Espanha foi uma Esparta, enquanto a restante Europa se ateniensava. O nosso ilota foi o infiel, vitima tambem de monstruosas *cryptias*.

§ 3.º Não quer isto dizer que o estrangeiro não conquistasse;

mas a conquista dele foi um acompanhante e uma fução do seu desenvolvimento industrial, ao passo que a Conquista, sob a forma saque, constituiu a propria industria do cristão peninsular.

§ 4.º Chamarei *espanhol* tanto ao espanhol *cristão* castelhano como ao espanhol *cristão-velho* português. Chamarei *infiel* ao mouro, ao negro, ao indiano, ao judeu, e mesmo ao *cristão-novo*, enquanto as condições deste na sociedade portuguesa são realmente diferentes das do cristão-velho.

§ 5.º Desde que o Arabe forçou o espanhol a ser assim, não tem cabimento qualquer sentimentalismo sobre a bondade do sangue godo. Por outro lado o juizo moral, a querer fazê-lo, dependeria dos postulados que se aceitassem. Os juizos serão diferentes para um discipulo de Nietzsche ou de Herbert Spencer, etc.

§ 6.º Na Inglaterra e na Holanda, que me cita no seu artigo, houve o inglês guerreiro e o *inglês* industrial, o holandês guerreiro e o *holandês* industrial. Na Peninsula a partir de certa epoca vemos a população, *grosso modo*, distribuida desta forma: o espanhol cristão e dominador, guerreiro, parasita, caçador de homens: o industrial, o comerciante, o trabalhador, o produtor, é mouro, judeu, negro ou cristão estrangeiro. V. §§ seguintes, 7 e 8.

§ 7.º E'-nos isto revelado nos seguintes factos:

No seculo XVI e no principio do XVII os judeus e os mouros são expulsos da Espanha, «Com a expulsão, diz Lafuente, (*Historia de España*) completou-se o principio da unidade religiosa, o que foi um bem imenso; *mas consumou-se a ruina da agricultura, o que foi um imenso mal.*» Isto prova que a função produtora era exercida, na agricultura, principalmente pelo mouro.

Segundo o testemunho de historiadores e economistas, o cultivo do arroz, do algodão e do assucar, o fabrico da seda e do papel, eram quasi exclusivamente dos moiriscos. (V. Janer, *Condición social de los moriscos de España*; Dunlop, *memoirs of Spain*). Terra abandonada de infieis converteu-se em campos de salteadores, o que demonstra que as funções economicas estavam distribuidas desta forma: função salteadora e parasitaria, no Espanhol; função produtora, no infiel. «Pode pois dizer-se—escreve Janer (obra citada)—que a nossa patria de Arabia Feliz se converteu em Arabia Deserta... Deixou-se sentir em todas as partes o açoite

da fome, e ao alegre bulicio das povoações succedeu o melancolico silencio dos despovoados; ao frequente cruzar dos lavradores pelos caminhos seguiu-se o perigoso encontro dos salteadores que os infestavam, abrigando-se nas ruinas das aldeias desertas.» E Circourt (*Arabes d'Espagne*): «Os abandonados patrimonios dos mouros converteram-se em dominio de salteadores, que se estabeleceram neles regularmente para as suas correrias por toda a Espanha. O banditismo organizou-se como uma profissão qualquer...

Todos os economistas espanhoes do seculo XVII verberam o vicio da ociosidade, como vicio espanhol por excelencia. Assim o qualifica, por exemplo, Moncada (Sempere, *Biblioteca española economico-politica*, II, 194). Alvarez Osorio y Redin, atribuiu em parte, nos seus *Memoriales* a decadencia da Espanha á ociosidade dos seus habitantes, e são numerosos os livros que teem por fim combatê-la. Poderiamos citar, entre muitos outros, o *Apolo de la ociosidad y el trabajo* de Luis Mexia, 1546; o *Discurso contra la ociosidad* de Pedro de Valencia, 1608; os *Bienes del honesto trabajo y daños de la ociosidad* de Pedro de Guzman, 1614; o *Restauo de la agricultura y destierro del ocio*, de Jeronimo Ardid, etc.

Como diz Quevedo, hoy desprecia el honor al que trabaja. Nobreza e povo tinham por vil qualquer mester:—toda ostentação que destroi a Republica, segundo Gonzalez de Cellorigo.—A republica e o caracter: pululam cavaleiros luxuosamente vestidos e vivendo de expedientes sujos. Os estatutos das Ordens militares proibiam o porte de suas insignias a todo o mercador, e os homens de trabalho eram excluidos das funções municipais.

Pedro de Guzman deixou-nos um quadro pitoresco do povo das cidades: mendigos simuladores de enfermidades, vagabundos, etc. Dos raros artifices sabemos, por Diego José Dormer (*Discursos historico-politicos*, 37-38) que pouquissimas horas por dia trabalhavam, e poucos dias por semana, no que se estre-mavam dos estrangeiros e catalães. O trabalho do campo começava cerca das 11 da manhã, e ás 2 da tarde estava findo! (Córtes de Valladolid, 1548, 174).

Porisso os mendigos profissionais era uma legião formidavel que se estendia, organizada, por todo o reino. Celebravam assembleas como as confrarias, onde se tomavam decisões, rigorosamente observadas e repartiam entre si as diversas

provincias do país. Consoante o testemunho de Navarrete, a Espanha tornara-se o ponto de reunião dos mendigos da Europa, e apenas se encontrariam em França, em Alemanha, em Italia ou em Flandres, alguns raros mendigos coxos, cegos, manetas ou paralíticos. Em 1599, por ocasião da peste, reuniram-se em Valladolid 5000 mendigos: nem 600 eram merecedores de assistência (*Memoriales del licenciado González de Cellorigo*, 1600, p. 24)

Como succede sempre em tais casos, lucrava o estrangeiro desta ociosidade característica, exercendo na Espanha o trabalho, á semelhança do que sucedera antes da expulsão com os judeus e moiriscos. «São os senhores de todo o commercio, diz Sancho de Moncada: de cada 6 negocios, os estrangeiros negociam 5; nas Indias pertencem-lhes 9 decimos do trafico, de maneira que são eles os verdadeiros soberanos da America, de que o rei de Espanha só possuía o titulo (Sempere, *op. cit.*, II, 195). A Espanha, diz o mesmo autor, está reduzida ao estado a que os Filisteus reduziram os Israelitas, quando para ter uma lança se viam estes obrigados a busca-la entre aqueles. O trabalhador estrangeiro, que ganhava no seu país $\frac{1}{2}$ real, vinha a Espanha ganhar 4 (Mata), e as córtes de Valladolid de 1542 queixavam-se de que numerosos e importantes ramos de negocio estivessem açambarcados pelos estranhos. Não encontrando entre os naturais quem lhe desse garantias suficientes, via-se o rei obrigado a fazer os contratos com os de fóra, e a arrendar-lhes os impostos. Estes compravam em Espanha a matéria prima, que vendiam depois manufacturada: o que compram por 1, diz Moncada, vendem depois por 12, e a diferença entre estes numeros é paga em dinheiro pelos Espanhoes, Italianos, Flamengos e Francêses vêem fundar manufacturas em Espanha para commerciar com a America. Porisso os estrangeiros «nos tratam como nós tratamos os Indios» e a senhora do ouro e da prata unicamente lhe conhece o cheiro (Pellicer de Ossau). A moeda era rarissima no país, como faz notar o economista inglês contemporaneo Tomás Mun; e «enquanto os castelos de Espanha caem em ruinas, diz Adan de la Parra, os Genoveses acumulam fortunas enormes com o dinheiro espanhol». Quevedo descrevia desta forma a viagem do ouro:

Nace en las Indias honrado,
Donde el mundo le acompaña;
Viene a morir en España,
Y es en Genova enterrado.

Fray Juan de Castro calcula que em cada frota que saía de Sevilha os estrangeiros carregavam, só em artigos de vestuario, 19 milhões de pesos; e na opinião de Struzzi a mór parte das mercadorias carregadas para as Indias sob espanhoes pertenciam realmente a estrangeiros.

Francisco Martinez de la Mata, cujos *Memoriales* foram impressos em 1656, atribue todos os males da Espanha a não se querer dedicar á industria, e mostra na multiplicação da riqueza pelo trabalho industrial a verdadeira causa da prosperidade de Veneza, Genova, Florença, Holanda e Inglaterra, as quaes se enriqueceram pelas suas fabricas,—se bem que não possuindo minas de ouro e prata como a Espanha,—desde que vendem a esta os seus productos manufacturados. Não só os estrangeiros forneciam a Espanha de todos os objectos manufacturados, mas a propria venda por miúdo no reino era efectuada por eles em grande escala. O dinheiro enviado para fóra pelos estrangeiros empregados no país era calculado por Mata em 7.320:000 ducados.

Falámos já do parasitismo mendicante; seria um nunca acabar o descrever o parasitismo do Estado, o eclesiastico, o militar. Os impostos eram terriveis. Fray Benito de la Soledad (*Manifiestos*, 1694, IV) conta que viu em Montril e na região circunvizinha, arrancar a cana de assucar, outrora florescentemente cultivada pelo Moiro, porque o imposto absorvia todos os lucros; muito frequentemente o Estado confiscava o ouro e a prata que vinham da America pertencentes a particulares; confessava-se el-rei devedor pelas somas subtraídas, é certo, mas o pagamento do juro e do capital era adiado indefinidamente.

A gente de guerra, não sendo paga pelo erário, saqueava as povoações: *comian sobre los pueblos*, como se queixavam as córtes. Reclamações semelhantes vemos nós em Portugal contra a parasitagem que acompanhava o rei nas suas excursões (V. Herculano, *Origem e estabelecimento da Inquisição*, I, 196). O militar fazia-se sustentar a si, ao seu serviçal, ao seu cavallo, exigia metade da habitação, a lavagem da roupa, e ainda dinheiro *emprestado*. As córtes de Valladolid de 1537 queixam-se de que os encarregados do recrutamento não só se fazem sustentar pelos lavradores, como os arruinam obrigando-os a sustentar tambem numerosos vagabundos que

unem a si e não recrutam. Claro que a hospedagem, e o proprio dinheiro *emprestado*, não eram pagos.

Alguns economistas acentuam fortemente a necessidade de recorrer ao trabalho industrial para sustar a queda da nação. O autor anonimo de um manuserito datado de 1648 exprime uma bela verdade sob uma forma extravagante: «O mais necessario de todos os metais, o mais nobre, o mais precioso, o mais certamente prestadio entre os que existem e existirão jamais, é o suor do rosto; é ele o elemento unico da riqueza e da conservação dos Estados: onde quer que falte este metal não permanece o ouro, nem a prata, pois é o suor do rosto que constitue a moeda universal do mundo», (citado por Bona no seu *Ensaio sobre o problema mercantilista em Espanha*, p. 70-71.) Alberto Struzzi, no seu *Diálogo sobre el comercio*, (1674) tratando do restauro da industria, estuda a forma de assegurar a existencia de uma mão de obra capaz de fabricar por preço sufficientemente baixo para combater a importação estrangeira. A abundancia e aperfeiçoamento da mão de obra obter-se-ia pela organização da aprendizagem. A este proposito dá o exemplo de como se procedia no estrangeiro. Em Milão os pais de familia collocavam os filhos na officina de um mestre depois de firmar com este um contracto de aprendizagem por varios anos; á data de expirar o praso, os mancebos eram excelentes artifices, capazes de ganhar com largueza a sua vida. Nas cidades da Alemanha e na Flandres, os orfãos são obrigados a aprender um officio: as mulheres ensinam as raparigas a bordar e a coser, o que lhes permite ganhar mais tarde um salario suficiente. Em Espanha, pelo contrario, acrescenta Struzzi, não se vê nada de parecido. Os pais só ambicionam ensinar aos filhos a escrever para que sejam escrivães, tabeliães, etc., em vez de se dedicarem ao trabalho manual, base de toda a industria.

Se exceptuarmos o cristão-novo, os nossos vicios eram os mesmos, e as mesmas as consequencias de que hoje padecemos.

§ 8.º Em Portugal, repito, eram identicas as coisas. O judeu foi, na metropole, a grande vitima do parasitismo nacional. «Os recursos economicos da Peninsula estavam em grande parte nas mãos dos judeus», diz Herculano no maravilhoso livro que é a *Origem e Estabelecimento da Inquisição em*

Portugal. «Superiores em industria e actividade e dominados pela séde do lucro, apesar do desprezo ou da malevolencia de que eram alvo, tinham desde os primeiros seculos da monarchia adquirido a preponderancia que é o resultado inevitavel da intelligencia, do trabalho e da economia.» E' bem significativo que Pellicer de Ossau tenha consagrado a 3.^a parte da sua obra *Comercio impedido por los enemigos desta monarchia* ao commercio portuguez, e que afinal toda essa parte se reduza a um ataque á religião judaica, prova de que a nossa actividade commercial era toda exercida pelo judeu. Sobre este, parte *impura* da população do país, parasitava o cristão da metropole, assim como no Oriente sobre o indiano, o mouro, etc.

O povo esperava a sua melhoria economica, não do trabalho, mas da acção inquisitorial, tornada numa especie de lotaria. Condenado o judeu pela Inquisição, a sua casa e alfaias eram compradas pelo povo a vil preço. Antes porém desse momento, já a perseguição começava a render: era o dinheiro que se exigia para não ir denunciar; o preço pelo transporte, comida, etc., até á prisão do Santo Officio; depois, na prisão, o ar, a luz, a agua, pelos quais se exigiam somas fabulosas, bem como pela permissão de falar com a familia; eram mesmo as proprias algemas, que chegavam a ser pagas pelos desgraçados. Certo perseguidor exigiu de uma velha judia rica que o perfilhasse. (Herculano, *ibid.*)

Como se vê, a educação economica do cristão-velho na metropole era a mesma que na India.

«As scenas representadas anteriormente em Gouveia,» diz ainda Herculano, «repetiram-se por diversas partes. Lamego tornou-se dos principais teatros desses escandalos. O quadro do que aí se passava faz-nos conceber quais scenas se representariam obscuremente por outras partes. Apenas se publicou ali a ordenação que inibia os conversos de saírem do reino, logo correu a voz do que tal procedimento significava. A gente baixa afirmava que era uma inutilidade construir novos edificios porque facilmente se acharia depois morada nas ermas habitações dos judeus. Faziam conventiculos nos quais se discutia a quem havia de tocar tal ou tal propriedade ou as alfaias deste ou daquele cristão-novo e lançavam sortes sobre os predios urbanos que eles possuíam. Vocifera-

vam, acusando el-rei de tibio, porque não os mandava meter todos á espada sem esperar por demorados processos. Este dizia que estava fazendo plantio de bosques para criar lenha com que os queimassem; aquele que tinha de afiar a espada para se armar cavaleiro na dia da matança. Os camponeses que vinham ao mercado associavam-se nos ferozes gracejos á gentalha da cidade, assegurando que já estavam prontos os feixes de vides para acender as fogueiras, e que deixariam em herança a seus filhos perseguirem os judeus a ferro e fogo. Havia até quem afirmasse ter já prestes todos os seus parentes para virem jurar contra eles. Os mais moderados limitavam-se a atribuir a el-rei a intenção de os mandar queimar a todos dentro de três anos, *deplorando que não fosse o praso mais curto, para poderem quanto antes comprar os bens deles a vil preço.* A principio só os insultavam indirectamente, mandando alguns moços cantar-lhes cantigas ameaçadoras e insolentes debaixo das janelas; mas os proprios officiais publicos temiam que estas demonstrações chegassem mais longe. Foi o que succedeu. Aproveitando uma ausencia temporaria do primeiro magistrado da cidade, ajuntaram-se varios grupos, certa noite a horas mortas, na rua principal, habitada em grande parte por cristãos-novos. Estes grupos não se compunham só da plebe: tinham-se unido a ela individuos da classe mais elevada. Ali proromperam em pregões, condenando os cristãos-novos ao fogo! Qualificando-os de cães infieis e judeus, clamavam em descontraídos gritos que lhes pertenciam os bens deles, e que suas mulheres e filhas lhes deviam ser entregues, para as violarem, depois do que, tudo se poderia arrojear ás chamas. Espalhada a voz do tumulto, o alcaide da cidade marchou com alguma gente para a rua nova; mas não pôde prender nenhum dos amotinados por que lhe resistiram ousadamente, até que julgaram oportuno retirar-se.»

§ 9.^o Como disse no § 5.^o, enquanto para o cristão peninsular a Conquista foi a grande industria, para o inglês e o holandês a Conquista foi um mero instrumento da sua industria produtora. Isto nos explica, por ex., porque é que o inglês não conquistou o Brasil. «Nessa luta», diz o historiador do Brasil João Ribeiro, «os holandeses perdem o dominio da Africa e da India; os portuguezes perde-

riam igualmente o do Brasil, se o tratado de Methuen, que foi a queda do poderio portuguez, não fosse tambem a medida de salvação que preservou o Brasil da expansão imperialista inglesa. De facto as vantagens do monopolio portuguez passaram aos ingleses e eis a razão porque, tendo tido no seculo XVII um Brasil holandês, não tivemos no seculo XVIII outro Brasil inglês, que seria um resultado retumbante da historia, como foi o resultado silencioso mas proveitoso da diplomacia. A nova colonia que a diplomacia inglesa alcançara poupava ao menos o dispendio, a varia fortuna, as lutas do patriotismo ofendido e a publicidade da guerra...

«As frotas do Brasil, das Companhias de commercio, são inglesas de facto, ainda que não figurem nomes senão portuguezes. Calcula-se em 2 biliões e 400 milhões de francos o ouro exportado do Brasil, no periodo de 60 annos que se seguiram á descoberta das minas, soma que passou quasi toda aos ingleses porque em Portugal a circulação apenas era de 15 a 20 milhões, e o país devia 72.

«Foram pois, as minas de ouro do seculo XVIII, isto é, as minas da Brasil que, quanto podiam, colaboraram na prosperidade actual da Inglaterra.

«Por essa razão é que o monopolio do seculo passado não resuscita uma nova Holanda nas nossas praias. Desde que o ouro emigra para a Inglaterra, para quê a conquista? A herdeira do dominio holandês nos mares não havia mister de tais esforços.»

O inglês, como vê, não foi «santarrão»: propôs a guerra ao commercio e á industria, *that's all*. Hoje gosa as vantagens desse facto, e nós sofremos as consequencias da nossa diferente educação (a Reconquista).

§ 10.^o Certos factos complexos que teem sido apresentados como causas primarias da decadencia dos povos peninsulares (V. Buckle, Antero, O. Martins, etc.) são por sua vez consequencias do sistema que ficou descrito nos paragrafos anteriores. A Inquisição, por exemplo, foi um saqueio por escrivães, em logar dum saqueio por soldados. Não deve supor-se na Inquisição uma instituição estrangeira. D. João III, fidelissimo interprete das paixões do seu povo, vinte annos se bateu com Roma para lhe arrancar o consentimento da Inquisição em Portugal, numa insistencia que o Papa qualificou de satanica (não quero dizer com isto que fosse *santarrão*, o Papa.)

Quando a Inquisição foi estabelecida em Espanha, diz Ticknor (*Historia de la literatura española*) que «no meio da alegria do reino inteiro, Cervantes, Lope de Vega e outros homens de genio participam da alegria comum»; e quando mais tarde Fernando VII a restabeleceu, o caso foi festejado em toda a Espanha com grandes festas populares.

Resposta ás suas objecções

1.º Palavras suas: «Essa de ir buscar as tendencias guerreiras ao covil das Asturias! Que relação ha entre a Conquista, precedida pela empresa original e formidável das Descobertas, e a reconquista de um patrimonio que nos fôra roubado pelos Arabes?»

A resposta deduz-se dos §§ 1.º e 2.º dos anteriores *Esclarecimentos*. A necessidade da Reconquista deu ao Espanhol uma intensa e prolongada *educação* militar, rapinante, conquistadora, ao passo que lhe permitiu deixar a função produtora e capitalizante ao mouro e ao judeu (§§ 5.º, 7.º e 8.º). Sobre este ultimo parasitou o português por meio da perseguição popular (exemplos na obra de Herculano, de que citei um no § 8.º) e pela Inquisição. Uma vez completada a Reconquista, a educação essencialmente guerreira levou-nos atrás do mouro, para além do oceano: a chamada *Conquista* é a continuação da *Reconquista*, e a tomada de Ceuta anterior ás grandes descobertas. Não foram pois as descobertas que suscitaram as conquistas, mas o espirito conquistador ou caçador que suscitou as descobertas. Um illustre historiador explica os descobrimentos desta forma: «O primeiro impulso que arrastou os portugueses ás terras incognitas da Africa foi a escravidão. A CAÇA DO HOMEM NEGRO LEVOU-OS A ARROSTAR O MAR TENEBROSO. Mais tarde o ouro da Costa foi mais um incentivo, além da escravidão».

2.º Estas razões, e o que ficou dito no § 1.º dos *Esclarecimentos*, mostram porque não busco a explicação das descobertas num «ethos novo». As explicações etnológicas morreram ás mãos de Colla-janni e de Finot.

3.º Palavras suas: «Como é que ás tendencias guerreiras se pode dar o nome de parasitismo?»

Chamo *parasitismo* a todo o modo de ganhar a vida sem trabalho, (pela escravatura, saque, matança de judeus, Inquisição, etc.) As conquistas do holandês e do inglês integraram-se num sistema

industrial, fizeram parte do desenvolvimento de uma burguesia; ao passo que a nossa conquista não foi jamais instrumento de uma função produtora. Como sabe, levávamos para a India panos e vidros de Veneza, alimentavamos-nos com trigo da Alemanha, etc. Sobre o parasitismo veja a obra de J. Massart e E. Vandervelde, que está traduzida em espanhol com o titulo *Los parásitos de la sociedad*, 1906. Recomendo-lhe especialmente o § 2.º da secção 2.ª do cap. II, sobre a evolução do parasitismo depredador. Ahi se diz como o arabe do Moghreb evolucionou de cavaleiro de *razzia* a *Beni-amontado*. O Espanhol evolucionou paralelamente de cavaleiro de *razzia* a *picaro*.

4.º Colocado num ponto de vista scientifico, não faço dos estrangeiros uns «santarrões», como julga. Em virtude de condições historicas diferentes, a nossa civilização foi principalmente guerreira e caçadora, a deles principalmente industrial. Com crueldade ou sem ella, o inglês traz consigo os seus panos de Manchester, por elle proprio fabricados. E nós?

Dessa civilização deles resultou lá o desenvolvimento da burguezia, e a iniciativa resistente dessa burguesia contra o regime feudal e o absolutismo, resistencia que nós não conhecemos. O patriotismo, meu amigo, fique alheio á constatação destes factos. Foi em nome do patriotismo que uns desvairados atacaram Herculano a proposito de Ourique. Caetano Pereira, o mais moderado deles todos, chamou-lhe «aviltador do valor português:» merecerei eu esse reproche?

Faltando-nos o desenvolvimento da burguesia industrial faltou-nos tambem, quem resistisse ao absolutismo, ao jesuita, etc. (não é de mais repeti-lo.) Daí o eu inverter a ordem de causalidade que Antero estabeleceu,—idea a que chamou «insolita e estapafurdica». Insolita sim, porque não é meu uso escrever para só repizar o que está dito. Mas estapafurdica porquê?

5.º Aponta-me para a colonização do Brazil. Limitar-me-ei a citar dois historiadores brasileiros, a quem não anima decerto hostilidade contra nós:

«A diferença de resultados na colonização da America Inglesa e da Latina deve filiar-se mais que tudo nas qualidades das respectivas raças conquistadoras... Inglezes ocupando o que se chama hoje Estados-Unidos e Portugueses ocupando o que desde então se chamou Brazil, tiveram que lutar contra identicos obstaculos... A na-

tureza, essa era manifestamente mais clemente no continente Sul que no Norte, cujo clima é conhecido pelas suas bruscas transições, frequentes excessos de calor e frio e terriveis fenomenos meteorologicos. Se alguma diferença de condições existia, pois, era a favor da colonização portuguesa. O Brazil forma entretanto um corpo anemico e fraco, porque gerado por uma raça açodada, com uma vontade mais ardente do que tenaz, de fé proselitica e *ganancia tumultuosa*, que desembarcava soffrega por alcançar num momento a conversão em massa do gentio e as riquezas fabulosas dos sonhos medievais. Os Estados Unidos formam pelo contrario o produto forte, prospero, admiravel, de uma raça mais nova, mais cheia de seiva, menos pejada de antiguidade e de tradições, e que consigo levava o senso positivo da vida. (Oliveira Lima, *Nos Estados Unidos*).

«O negro fruto da escravidão africana, foi o verdadeiro elemento criador do país e quasi unico... Instituinto a escravidão, A PROFISSÃO PRINCIPAL DO COLONO ERA A PRESA HUMANA. A CAÇA AOS SELVAGENS... Os portugueses que vieram estabeler-se nas terras do Brazil não pertenciam á classe media, aliás pouco populosa nesses começos de idade moderna, maxime em Portugal, onde não havia industria nem já agricultura. Eram fidalgos ou infimos plebeus e degradados, a maior parte, gente aventureira e sem consciencia.» (João Ribeiro, *Historia do Brasil*).

Deve comparar-se isto com a seguinte afirmação do professor Hinsdale: «Os Estados-Unidos são uma nação antes industrial, comercial, e politica que marcial. As lições que eles ensinam ao mundo são principalmente lições de paz. (*How to study and teach History*, 1912, p. 277)

Em resumo:

Pela caça ao infiel mouro se formou a nacionalidade;

A caça ao infiel negro incitou as descobertas;

A caça ao infiel selvagem foi a nossa profissão no Brazil.

Tal foi a fatalidade das condições historicas. Eu não nego que o nosso homem tenha mais nativas virtudes que qualquer outro da Europa: muito pelo contrario, o afirmo. Ninguem mais do que eu ama, admira e exalta a nossa gente; mas ninguem mais do que eu lamenta as condições da nossa historia. Nunca faltaram os protestos contra a maneira como a nossa colonização foi feita, protestos que não desviaram de um segundo a direc-

ção dos acontecimentos. O ideal não modificou a Realidade. A historia da Companhia de Jesus (cuja acção na metropole tanto temos que reprovar) é no Brasil um protesto ininterrupto e glorioso. Não me posso alongar nesta carta, mas voltarei ao assunto se o meu amigo quiser, e os meus muitos afazeres mo consentirem.

6.º Palavras suas: «E vem-nos então aconselhar a divisa do mais alto representante do parasitismo luso!»

¿Pois ele, por ser um representante da teoria parasitaria para uso da nação, não poderia ter escolhido para seu uso particular uma maxima excelente? O habito da Conquista pela conquista traz finalmente a abjecção, mas não quero dizer com isto que os iniciadores da Conquista não possam adoptar belas maximas. Alexandre partiu grego e acabou oriental. Ha quem rapine para a comunidade e seja abnegado consigo mesmo. O moral dum homem não é solidario com os resultados da sua idea.

7.º No facto de eu afirmar que a nação foi na realidade parasita e que ha ao mesmo tempo um ideal recomendavel, vê o meu amigo uma contradição em que me chego a «desarticular, dando dois Sergios diferentes, brigando entre si opiniões opostas.» Mas perceberia imediatamente que não ha contradição, se se lembrasse de duas coisas:

Primeira: o ideal não é a realidade dominante, antes se forma muitas vezes por opposição á realidade dominante. Isto dentro do mesmo homem, quanto mais em individuos diferentes da mesma nacionalidade: *video meliora proboque, deteriora sequor*, diz a Medea de Ovidio. O ideal é umas vezes o complemento, e outras o contrario do real:

Segunda: pade existir numa nação uma importante continuidade de opiniões individuais contrarias ao pendor geral dessa nação. Se o velho do Restelo fosse uma especie rarissima não o teria Camões introduzido no seu poema. Repare que Camões simboliza a opinião oposicionista num homem com todos os caracteres de venerabilidade, honradez e virtude. O «velho honrado» é a figura mais veneravel que Camões pintou; o epico da nacionalidade colocou na opposição a honradez portuguesa. Tambem aquele velho é Portugal: é o «Portugal velho», o Portugal protestante. O meu «despauterió», a minha «contradição», como vê, já lá vem nos *Lusiadas*; e exaltando as qualidades da opposição:

Mas um velho de aspecto venerando
Cum saber só de experiencias feito...
Estas sentenças tais o velho honrado,

tambem Camões poderá parecer que se «desarticulou», como este seu modesto admirador.

Os resultados da conquista viram-se cêdo; e os protestos saem da bôca dos mais altos espiritos, dos mais representativos, encarnações sucessivas da simbolicá figura do ancião do Restelo:

Sá de Miranda (*Carta a D. João III*, etc.)

Gil Vicente, já tantas vezes citado;

D. João de Castro;

Camões (liricas e cartas). Por exemplo o soneto:

«Cá desta Babilonia donde mana
Materia a quanto mal o mundo cria, etc.»

Herculano (por exemplo nas *Cartas sobre a Historia de Portugal*, *Solemnia Verba*, etc.).

Antero de Quental (*Causas da decadencia*, por exemplo: «A' luz da economia politica eu condeno as Conquistas e o espirito guerreiro. A riqueza e a vida das nações tem de se tirar da actividade produtora, e não já da guerra esterilizadora... Romper resolutamente com o passado. A nossa fatalidade é a nossa historia», etc.).

8.º Acha pois o meu amigo que confessando eu a existencia do ideal de tradição, «vamos então pelo historicismo e não matemos o Portugal historico». Esta sua conclusão presupõe a seguinte premissa falsa: ideal=realidade historica. Como acabámos de vêr, esse ideal de tradição depôs sempre, nos seus altos representantes, contra a orientação prevalecente, contra a realidade parasitaria, contra o Portugal historico das Conquistas. Não ha pois razão alguma para que vamos pelo historicismo. «Nem descobrimentos, nem conquistas,—escreveu Herculano, um dos de ideal de tradição—nem comerecios estabelecidos pelo privilegio da espada, nos podem ensinar hoje a sabedoria social».

9.º Palavras suas: «Tão representativos, se não mais, que Sá de Miranda, são-no o alfaiate Fernão Vasques... ou o tanoeiro Afonso Eanes Penedo».

Peço-lhe que releia o meu artigo, p. 127, 3.ª columna, onde verá: «Opõe tu a esse, o ideal popular e portugês á antiga portuguesa... que tem por cimos literarios Herculano, o Camões dos *Lusiadas* e o portuguesissimo Sá de Miranda».

Falando eu de representantes literarios, como havia de meter na

lista o alfaiate Fernão Vasques ou o tanoeiro Afonso Eanes?

10.º Palavras suas: «E porventura seria parasita a geração deste tempo (de Fernão Vasques), etc.?»

Mas eu escrevi (p. 122, 3.ª columna, fim): «e depois de uma epoca sedentaria que normalizou a nossa vida, o infante D. Henrique e Afonso V continuaram a caça ao perro moiro, etc.» Essa epoca normal anterior ao infante é precisamente a do alfaiate. Não me esqueci de mencionar uma pausa entre a Reconquista e a Conquista.

11.º Palavras suas: «Com os representantes desse povo pode erguer-se uma civilização forte e original, ainda que não seja autoctona, porque hoje ninguem acredita nisso. E se alguém pensasse? Não era o caso tão barbaro e lusitano-parasitario como o meu amigo afirma. Lá mesmo, onde arrancou a citação de Latino, se diz que Otfried Müller e a sua escola afirmavam que a civilização helena era autoctona, ou nascida no solo da Helade e aperfeçoada por uma longa evolução.»

Quanto á primeira afirmativa, não percebo porque ma despeixa em ar de opposição, quando é certo que eu dissera no meu artigo (p. 128, 2.ª columna): «Creio que o povo e a terra portuguesa tem todas as condições para, combatidos os efeitos do antigo viver parasitario, erguer ao lado dos grandes povos uma civilização fecunda em esplendores viris».

Quanto á segunda parte, perdô-me continuar a pensar que é realmente barbaro manter a opinião de certo autor, quando a sciencia posterior a esse autor demonstrou cabalmente que tal opinião era falsa: «hoje ninguem acredita isso,» diz muito bem o meu amigo. Pela sua regra, não seria barbaro ensinar nos liceus que a agua sobe na bomba porque a natureza tem horror ao vacuo, e explicar a combustão pelas ideas anteriores a Lavoisier. Tambem houve muito boa gente que sustentou essas coisas! Se ao meu amigo lhe parece que «hoje ninguem acredita nisso,» deve-lhe tambem parecer barbaro que hoje se continue a afirmar isso.

Tal é a questão de direito. A de facto é diversa,—em Portugal. Se consultar a *Vida Portuguesa* n.º 9, sob a sua illustre direcção, lá verá uma entrevista do nosso admirado poeta e amigo Pascoaes, em que ele afirma (p. 70, 1.ª columna, linhas 2 a 6) «que a nossa raça tem elementos para criar a sua nova civilização sem lhe ser

necessario recorrer aos outros povos da Europa.

Depois disto, não me atrevo a recordar-lhe as suas afirmações, tão contrarias a estas, na 3.^a columna da p. 138, e sobretudo a primeira linha da p. 139...

12.^o Palavras suas: «Logo de principio o meu amigo desvirtua, a meu vêr, as palavras de O. Martins. Os seus silogismos não colhem. A causa da grandeza não era a causa da decadencia. Quando O. Martins diz «o facto da grandeza anterior» não se refere á conquista, mas aos dois sentimentos—o misticismo e o individualismo, características do genio peninsular, que ele define noutros capitulos da mesma obra. Assim, a grandeza da Peninsula é o seu genio místico e heroico, etc.»

Essa grandeza não pode ser o individualismo e o misticismo, como afirma, porque linhas abaixo diz o autor que o misticismo e o individualismo continuaram a existir (mas já produtores de miseria) no tempo da decadencia. Se pois O. Martins quisesse dizer, como pretende,

grandeza anterior misticismo e ind.,

afirmando depois que o misticismo e o individualismo continuaram na decadencia, viria a sustentar que a grandeza anterior coexistiu com a decadencia posterior, que continuámos a ser grandes quando já eramos pequenos, coisa estrambotica como todos os diabos. A verdade é que para O. Martins o facto da grandeza anterior foi a decadencia, porque hegelianamente identifica causa e razão, e estava convencido de que a dialectica do desenvolvimento era essa: da grandeza para a decadencia, da vida para a morte. Ha uma maquina metafisica sob a scenografia maravilhosa daquele estilo!

13.^o Porque me fala em «trespassar de vez o ignaro Antero»? Santo breve da marca! Pois então não é permitido discordar de Antero sem o considerar ignaro, sem os instintos sanguinarios de um algoz de S. Sebastião? Creio ter mostrado que ninguem mais do que eu o admira. A admiração entre gente instruida não significa porem acordo incondicional, acitação fanatica de todas as ideas, adoração supersticiosa pelas palavras do Mestre. Não tenho, não terei nunca alcorões. Deixo isso a certos positivistas que nós muito bem conhecemos. Tanto esta sua frase como a que discuti no n.^o 2.^o revelam a tendencia a conceber

as coisas estaticamente: as opiniões dos O. Müller e dos Antero de Quental são eternamente reeditaveis, nunca ha mister modificá-las. Divergir é blasfemar, chamar ignaros aos grandes homens, revelar ganas de trespassá-los! Que importa que depois deles se tenha excavado muita terra, soletrado muito codice, e atirado para as bibliotecas muita revista e muito livro? Esse trabalho demonstra ás vezes que ha antigas concepções que são hoje insustentaveis, em que se não pode já pensar. «E se alguém pensasse»? diz o meu caro, heroicamente, num magnanimo desafio ás Excavações e ao Progresso. Qu'importam as leis da natureza? *Le canon des Gascons ne recule jamais!* Deixe, meu amigo, recuar canhões antigos: porque recuar o obsoleto, significa avançar.

Creio ter respondido, uma a uma, ás objecções da sua carta. Fico esperando, querido amigo, que depois disto modificará os seus juizos sobre a quasi «inteira nulidade» do meu artigo, que infelizmente lhe pareceu um acervo de «despauterios» e de «contradições flagrantes». A minha teoria tem um modesto, mas honesto arcaboço de factos e observações. Não maculei o seu jornal, pôde crê-lo, com tanta tolice como imagina. A sinceridade e a prudencia substituem ás vezes o talento. Verá que o meu «honradissimo exemplo» (das amabilidades da sua carta a que me lisonjeou sobre todas) o não procuro dar sómente como cidadão e operario, por assim dizer, mas tambem como publicista. E será mais uma razão para que receba como ele merece o aperto de mão «á antiga portuguesa» do seu amigo e admirador,

ANTONIO SERGIO.

Rio de Janeiro, 25 de Outubro de 1913.



A «Renascença» em Paris

« »

A obra da «Renascença Portuguesa» deve ocupar uma boa parte da nossa proxima conferencia na Universidade Popular de Paris, em meados de dezembro. E' preciso que a obra tão bela da «élite» dos novos em Portugal seja bem conhecida e devidamente apreciada em França». — XAVIER DE CARVALHO.

(Do «Jornal de Noticias» de 20-XI-13).

Universidade Popular do Porto

«Pela resenha, ultimamente publicada, dos trabalhos realizados na Universidade Popular do Porto, aprecia-se o louvavel esforço da benemerita «Renascença Portuguesa» que a mantem, notavel agremiação que, além deste instituto de educação popular, sustenta uma magnifica revista, *Aguia*, e publica amiude notaveis obras de vulgarisação científica e literarias.

A Universidade Popular do Porto tem cursos de História Patria, História de Literatura Portuguesa, Ciencias da Natureza, Física, Biologia, Filosofia e Botânica, regidos por professores notaveis, além de outros preparatorios. A par destes, ha tambem cursos de trabalhos manuais, modelação em barro, musica, desenho, etc., todos muito frequentados.

Constatamos com o maior prazer a eficacia da acção benemerita da «Renascença Portuguesa», destinada a prestar os maiores serviços á causa da educação popular.»

(Do «Seculo» de 25-XI-13).



«A Renascença Portuguesa»

Reuniu o conselho de administração desta colectividade resolvendo varios assuntos de caracter interno.

Foi aprovado o balancete de outubro ultimo que acusa uma receita de 409\$70,6 e uma despesa 396\$19,9, ou seja um saldo de 13\$50,7.

Foi dado conhecimento de estarem já funcionando os cursos publicos e especiais da Universidade Popular do Porto. No Centro Comercial, fez o sr. dr. Jaime Cortezão 4 lições publicas sobre «A Obra e Vida de Camilo Castelo Branco», terminando por defender a trasladação do eminente romancista para os Jeronimos.

Seguiu-se-lhe o engenheiro sr. Ezequiel de Campos, que ainda está realizando as suas lições sobre «Demografia e Emigração»

Na séde de «Renascença Portuguesa» abriram, com grande inscrição, os cursos de português, história patria, escrituração commercial, contabilidade, desenho, alemão e russo, regidos respectivamente pelos srs. dr. Alfredo Coelho de Magalhães, dr. Jaime Cortezão, Dias Pimentel, Oliveira Santos, João Augusto Ribeiro, dr. Paulo de Brito e padre Miguel Rodrigues.

Aprovaram-se 32 novos socios.